

Rosa Luxemburgo – crise e revolução

ROSA ROSA DE SOUZA GOMES
São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. 318p.

*Isabel Loureiro**

Cem anos depois do assassinato brutal de Rosa Luxemburgo, não só sua figura de mulher audaz e insubmissa voltou com força ao cenário político, ícone das jovens feministas em luta contra todo tipo de opressão, como sua obra tem sido mais estudada no Brasil. Um exemplo recente é o livro de Rosa Rosa Gomes, que, num paciente trabalho de reconstrução das ideias econômicas da revolucionária judia polonesa, mostra como ela ainda pode contribuir para a recomposição da esquerda socialista, paralisada e sem norte.

Numa época em que a acumulação capitalista ultrapassa todas as barreiras da racionalidade, a fim de seguir sua imparável trajetória mortífera – e para isso utiliza desde a violência crua à manipulação das mentes –, o lema socialismo ou barbárie, posto na ordem do dia pela nossa revolucionária, nada perdeu de sua contundência. Focando na análise de Rosa Luxemburgo sobre o processo de desenvolvimento capitalista, com suas contradições e limites, e mostrando como ela, em diálogo com o partido e com a conjuntura da época, desenvolve o que desembocará numa teoria do imperialismo em *A acumulação do capital*, este livro oferece contribuição valiosa para entendermos o programa revolucionário de Luxemburgo.

* Professora aposentada do Departamento de Filosofia da Unesp. Email: belloureiro12@gmail.com

A história é conhecida. O Partido Social-Democrata Alemão (SPD) esteve desde as origens dividido entre uma ala revolucionária utópica e outra reformista pragmática. Com o passar dos anos esta se fortaleceu tornando-se hegemônica no partido. É esta evolução rumo à transformação do SPD num partido da ordem, fortemente burocratizado e eleitoreiro, querendo acima de tudo preservar o aparato organizativo, que Rosa Gomes expõe no livro. Para isso, faz algo novo no Brasil no campo dos estudos sobre Luxemburgo: analisa as atas dos Congressos do SPD de 1898 a 1912 e a posição da ala esquerda do partido nessas discussões.

Ancorada em fontes primárias, assim como em ampla bibliografia secundária, Rosa Gomes expõe nos capítulos 1 e 2 o desenvolvimento do SPD, enfatizando o que considera os dois momentos cruciais desse processo: a Revolução Russa de 1905 e as eleições de 1907 na Alemanha. Ao fugir da radicalização trazida pela Revolução Russa, o SPD torna-se cada vez mais conservador. As eleições de 1907, quando o partido é fustigado por uma campanha nacionalista e obtém resultado eleitoral pífilo, são, no entender da direção do partido, a comprovação de que a tática tinha que ser crescentemente reformista e o antigo discurso sobre o colapso do capitalismo precisava ser abandonado. Ou seja, os ortodoxos que no fim do século XIX combatiam as ideias revisionistas de Bernstein, acabam por se alinhar com elas: num primeiro momento, na prática, embora mantendo a retórica revolucionária, e, aos poucos, passando a adotá-las de maneira explícita. À medida que o fantasma da guerra mundial se aproxima, o SPD vai se adaptando à conjuntura, procurando não fazer marola para preservar o aparato organizativo, com medo de ser novamente posto na ilegalidade, como na época das leis antisocialistas. O radicalismo de Rosa Luxemburgo, ao insistir no esclarecimento das massas e na luta de classes, torna-se um incômodo para os burocratas prudentes que dominam a organização.

Luxemburgo não abandona a teoria do colapso. Pelo contrário, procura analisar o desenvolvimento do capitalismo desde as origens até o momento anterior a 1914, buscando expor as raízes econômicas da guerra mundial que se avizinha. “Ela unifica, assim, uma série de teorias debatidas nos congressos daqueles anos, sublinhando o papel das colônias na história da acumulação capitalista. *A acumulação do capital* cumpre o papel de unificar economia e política para Luxemburgo, dando a base econômica para uma prática revolucionária” (p.157).

Os capítulos 3 e 4 tratam, respectivamente, de *A acumulação do capital* e das críticas dirigidas à obra. É um trabalho digno de nota, que exigiu um estudo aprofundado do livro de Luxemburgo, que não é de leitura fácil. Para entendê-lo é preciso um bom conhecimento da crítica da economia política de Marx, o que a própria Rosa Luxemburgo reconhece. Por isso mesmo, *A acumulação do capital* ficou restrita aos círculos intelectuais do SPD, que alvejaram o livro com uma saraijada de críticas, fazendo que sua recepção ficasse comprometida durante o século XX. Nos nossos dias, em razão das crises recorrentes no mundo capitalista, cenário que permite traçar paralelos com o começo do século passado, o livro voltou ao debate.

Uma das novidades desta pesquisa consiste em recorrer ao material conservado no Bundesarchiv em Berlim, referente às aulas de economia política de Luxemburgo na escola do SPD. Rosa Gomes mostra as diferenças entre essas aulas, em que Luxemburgo ainda estava próxima das análises de *Reforma social ou revolução?* e *A acumulação do capital*. Vemos também como ela dá uma resposta teórica aos temas debatidos nos Congressos do SPD em 1910 e 1911, quando a ala conservadora do partido duvidava da possibilidade de uma guerra mundial e procurava engajar os socialistas na defesa da paz. Agora Luxemburgo responde mostrando a impossibilidade de um capitalismo pacífico. Para isso, Rosa Gomes reconstrói de maneira clara e didática a argumentação de Luxemburgo: começa por expor a formulação do problema da acumulação, mostrando o diálogo da revolucionária com *O capital*, de Marx, e suas críticas ao livro II; em seguida, apresenta a exposição histórica do problema nos economistas clássicos e nos marxistas russos, e, por fim, o modo como a acumulação do capital se realiza no processo histórico.

Esta última parte é a que mais nos interessa, pois é onde Luxemburgo expõe sua teoria do imperialismo. Os empréstimos europeus aos países coloniais, o protecionismo e o militarismo, mediados pela ação do Estado, cumprem papel essencial no processo de acumulação do capital. Luxemburgo é uma das primeiras marxistas a enfatizar a ação do Estado no processo de expansão capitalista, não só como comprador (de armas, por exemplo), mas como instrumento de espoliação das populações autóctones. Opondo-se a seus companheiros de partido, que acreditavam no desenvolvimento pacífico do capitalismo dada a interdependência econômica entre os países, ela mostra que a violência e o conflito são os meios utilizados pelo capital para acumular fora das fronteiras da metrópole. Não é possível reformar o capitalismo, medidas paliativas são inúteis, ele deve ser substituído por um sistema econômico, político, social, cultural voltado para a satisfação das necessidades humanas e não para a acumulação infinita de capital. Ou seja, pelo socialismo. A teoria econômica de Rosa Luxemburgo é, assim, um chamado à ação revolucionária das massas trabalhadoras.

O vocabulário usado por Luxemburgo pode ser enganador. Embora a expressão “colapso do capitalismo” seja recorrente em seus textos, ela não é uma defensora ingênua dessa ideia, como afirmavam seus críticos. Segundo Rosa Gomes, o fundamental para ela é a unidade entre teoria e prática, entre condições objetivas do desenvolvimento e consciência política. A ação dos trabalhadores modifica o processo histórico, este não é um *deus ex machina* que atua à revelia dos seres humanos, e sim o resultado de um processo simultaneamente inconsciente e consciente. Falar em colapso do capitalismo e necessidade histórica do socialismo não implica necessariamente determinismo, uma vez que a necessidade é resultado do entrelaçamento entre condições objetivas e subjetivas. É essa dialética presente na obra de Rosa Luxemburgo que, com habilidade, nossa autora destrincha no seu livro. E, por fim, é digno de nota o estilo sóbrio adotado por Rosa Gomes ao tratar de tema tão contundente e atual. Embora seja um texto engajado, ela evita totalmente o tom panfletário, tão comum em publicações de esquerda.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A origem da noção de ontologia de Lukács
Nicolas Tertulian

O espaço político em Marx
Adriano Codato

Classe operária e classes médias
John Milios e George Economakis

Marxismo e movimentos sociais
Andréia Galvão

O PCB e o governo nacionalista e democrático
Anita Leocádia Prestes

32